

## “NÓS FAREMOS O CÉU NA TERRA”: O TRANSUMANO EM *SAN JUNIPERO*

Renata de Souza Spolidoro (UERJ)<sup>1</sup>

Ana Cristina dos Santos (UERJ/UVA-- Pós-doutoranda da UFMG)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo refletir sobre rupturas e deslocamentos de gênero e do corpo na ficção contemporânea. Com tal propósito, o artigo se apoia no episódio *San Junipero* (2016), da série britânica de ficção científica *Black Mirror*. Ao considerar especialmente às diversas tecnologias e a presença da máquina, muito representadas nas artes audiovisuais, são discutidos alguns aspectos em relação à obra: a morte e a possibilidade de imortalidade; o transumano e o corpo pós-humano; a arte e os limites do humano.

**Palavras-chave:** Deslocamentos; Representação lésbica; Corpo feminino

A quarta temporada da série distópica *Black Mirror* (2011-) foi disponibilizada pelo serviço de *streaming* Netflix em outubro de 2016. Roteirizado pelo criador da série, o terceiro episódio, *San Junipero* (Owen Harris, 2016) retrata um casal lésbico que morre na “dimensão real” para viver eternamente em uma realidade virtual. O suposto final feliz, divergindo do padrão da série, foi celebrado por críticos e público. Em abril de 2017, o episódio individual foi premiado pelo *GLAAD Media Awards*. Além disso, foi ganhador de dois prêmios Emmy 2017, nas categorias telefilme e roteiro para série limitada ou telefilme.

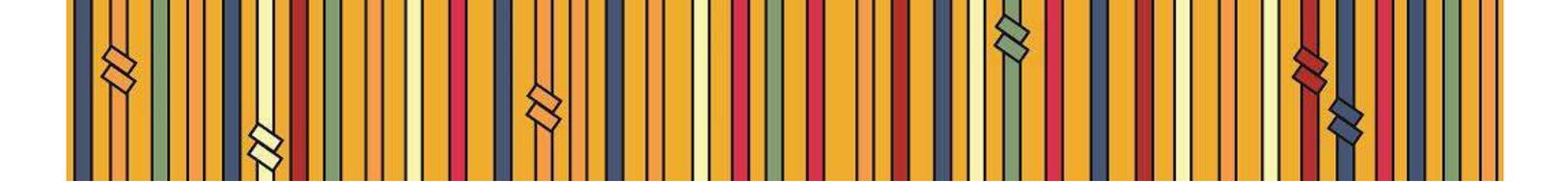
A narrativa começa em 1987, na fictícia cidade litorânea norte-americana que dá nome ao episódio. Kelly, interpretada por Gugu Mbatha-Raw, e Yorkie, vivida por Mackenzie Davis, se conhecem em uma pista de dança. Yorkie demonstra estar desconfortável ao dançar na frente de muitas pessoas, enquanto Kelly parece estar em casa. Mais tarde, elas se envolvem amorosa e sexualmente.

No decorrer da história, é revelado ao espectador que a realidade que ele assiste se trata de um Sistema chamado San Junipero, uma cidade virtual, utilizada como terapia para idosos, que sofrem de doenças como Alzheimer ou qualquer pessoa que esteja “à espera da morte”. O futuro fictício não parece estar muito longe do ano de 2016, já que não existe a cura para o câncer, mas há a possibilidade de descarregar os dados da mente humana em uma dimensão computadorizada e mantê-la em pleno funcionamento.

---

<sup>1</sup>Graduada em Comunicação Social (PUC-Rio), Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Contato: renata.spo@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Associada do Doutorado e do Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e do Departamento de Letras Neolatinas (Português/Espanhol) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Veiga de Almeida. Membro do GT ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional”. Contato: anacrissuerj@gmail.com.



Vale lembrar que a temporada de séries de 2016 foi marcada por muitas perdas *queer* na ficção. Entre janeiro e outubro do mesmo ano, mais de 25 personagens mulheres *queer* morreram e saíram de cena de maneira trágica em obras escritas para televisão e *streaming* exibidas nos Estados Unidos, de acordo com o relatório da organização não-governamental *Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD)*, que monitora representações inclusivas no audiovisual.

Segundo Sarah Kate Ellis, presidente da organização, “a maior parte de tais mortes não teve outra serventia, a não ser prolongar a narrativa de um personagem mais central (geralmente heterossexual e cisgênero)”<sup>3</sup>. *San Junipero* quebra com esse padrão observado ao retratar um possível final feliz para mulheres fora da norma.

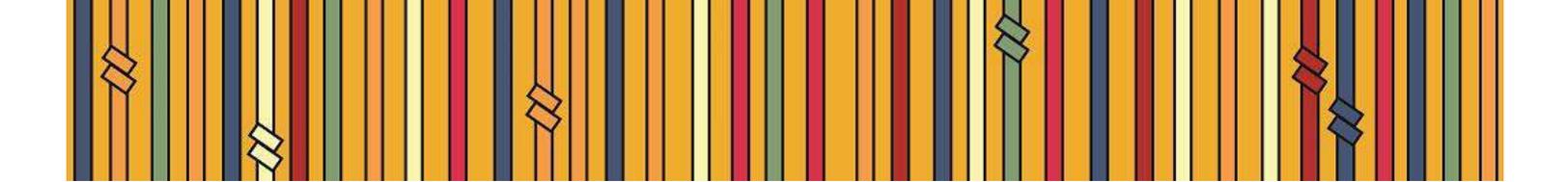
A ideia de abandonar o corpo físico não deixa de ser um ponto interessante para análise, justamente em um período em que a saída disponibilizada em tantas séries televisivas para mulheres *queer* é nada menos que o aniquilamento, a violência. É importante frisar que o casal protagonista lésbico opta por morrer e “fazer a passagem” rumo ao “felizes para sempre”, e passar a eternidade juntas em San Junipero. A partir de tais ponderações, este trabalho tem como objetivo delinear algumas reflexões em relação à tecnologia e ao transumano, discussões suscitadas pela narrativa.

Nos minutos iniciais de *San Junipero*, acompanhamos Yorkie, uma das protagonistas, caminhar pela calçada da cidade de veraneio em direção à boate local: *Tucker's*. É noite, há burburinho e movimento de pessoas jovens pela rua. Em meio a essa cena, ouve-se uma locução de rádio vindo de um carro que anuncia a música *hit* do ano em que se passa a ação: *Heaven is a place on Earth*, da cantora norte-americana Belinda Carlisle, lançada em 1987.

Há um verso da canção significativo para o presente estudo: “vamos fazer do céu um lugar na terra”. Nesse caso, o significado do verbo fazer pode estar relacionado aos verbos construir, criar, fabricar e nos remete à origem do termo “tecnologia”, “à *techné*, ofício e arte de fabricar, opondo-se a *physis*, natureza” (PRECIADO, 2014, p. 147). O “céu” em questão é um local fabricado pelo homem, um local entre as “nuvens” de compartilhamento de dados – o arquivo material correspondente é numerado e inserido em um computador gigante da empresa TCKR. Também podemos refletir sobre a noção

---

<sup>3</sup>“Most of these deaths served no other purpose than to further the narrative of a more central (and often straight, cisgender) character.” (Tradução nossa) Disponível em: <https://www.glaad.org/whereweareontv16> Data de acesso: 15 jul. 2017



de tecnologia como “uma categoria-chave ao redor do qual se estruturam as espécies (humana/ não-humana), o gênero (masculino/feminino), a raça (branca/negra) e a cultura (avançada/primitiva)” (PRECIADO, 2014, p. 148-149) e de que forma as reflexões a partir de San Junipero quebram alguns dualismos.

Por se tratar de uma realidade construída, a técnica desempenha uma função importante. A possibilidade da extensão da mente humana está relacionada a um contexto pós-humano, já que “na era pós-humana, humanos não serão mais controlados pela natureza; eles serão os controladores da natureza<sup>4</sup>” (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p. 20, tradução nossa). Teóricos transumanistas discutem sobre as possibilidades de uma fase pós-humana, em que entraria em cena a superação das dores advindas de doenças e da velhice, além do prolongamento da vida, “driblando” a própria morte. O episódio de *Black Mirror*, assim como o discurso transumanista

levanta questões cruciais sobre o significado de ser humano na nossa tecnocultura contemporânea, como, [...] a preocupação com a longevidade e a extensão radical da vida e a utopia técnica da fusão humano-máquina constituindo a imortalidade. (MONTEIRO, 2016, p. 56)

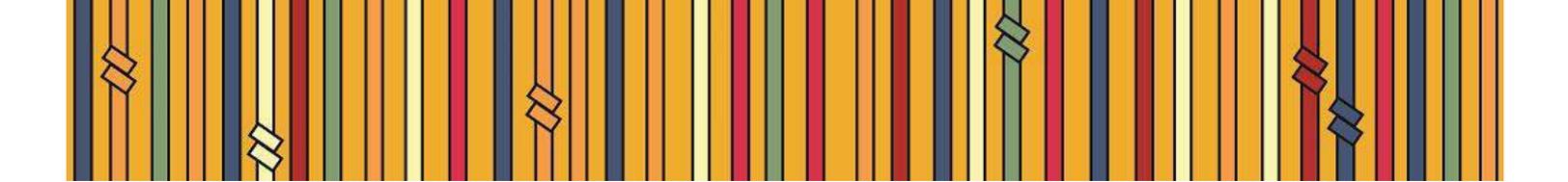
A flexibilidade em relação à “morte”, ou melhor, à vida após a morte na cidade de San Junipero aparece nas cenas iniciais. Quando Yorkie chega pela primeira vez na boate, começa a jogar em uma máquina de fliperama o jogo *Bubble Bobble*, lançado nos anos 1980. Um jovem se aproxima dela e comenta: “há dois finais diferentes. Depende se você jogar sozinha ou em dupla. Foi o primeiro jogo a fazer isso”<sup>5</sup>. A fala soa quase como um prelúdio não só para os conflitos das personagens ao longo do episódio em relação à morte, mas também para as novas possibilidades que a tecnologia pode oferecer naquele contexto. No entanto, ao mencionar a quantidade de jogadores, percebe-se que as relações e os afetos entre pessoas (sejam elas híbridos de máquinas ou não) são levados em consideração.

Segundo a teórica Tirosh-Samuelson (2011), um ponto principal no pensamento transumano é que a natureza humana não é fixa e que o futuro da humanidade é maleável por conta do progresso tecnológico. Ou seja, a tecnologia permite que

---

<sup>4</sup>“In the posthuman age, humans will no longer be controlled by nature; instead, they will be controllers of nature” (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p.20).

<sup>5</sup>“It’s got different endings. Depending on if you’re in one or two player. It was kind of the first game to do that.”



gradualmente o ser humano transforme suas capacidades e supere aquilo que conhecemos hoje como “humano”. Como indica Braidotti (2013), a ideia de ‘natureza humana’ serve como instrumento de práticas de exclusão, pois trata-se de uma construção baseada no humano como uma convenção normativa.

A autora ressalta que, a partir de novas formas de subjetivação relacionadas à hibridez gerada pelo encontro do humano com não-humanos e inorgânicos, incluindo os computadores, como é o caso de San Junipero, o pós-humanismo crítico discute maneiras de pensar a vida e o sujeito. De acordo com a teórica, “o foco é deslocado de uma subjetividade unitária para uma subjetividade nômade, indo de encontro ao padrão do grande humanismo e suas variações contemporâneas<sup>6</sup>” (BRAIDOTTI, 2013, p. 49, tradução nossa). As protagonistas de San Junipero deslocam a ideia da figura humana, presumida normativamente como masculina, branca e heterossexual.

A outra protagonista, Kelly, é uma idosa com câncer terminal e enxerga San Junipero somente como local para se divertir enquanto seu corpo biológico não morre. Já Yorkie, tida como uma “inválida” na dimensão real, passou mais de quarenta anos em uma cama de hospital, percebe uma possibilidade de vida em San Junipero. Dessa forma, tratam-se de mulheres cujas identidades transitam entre posições como a lésbica, a bissexual, a negra, a incapacitada e a idosa doente.

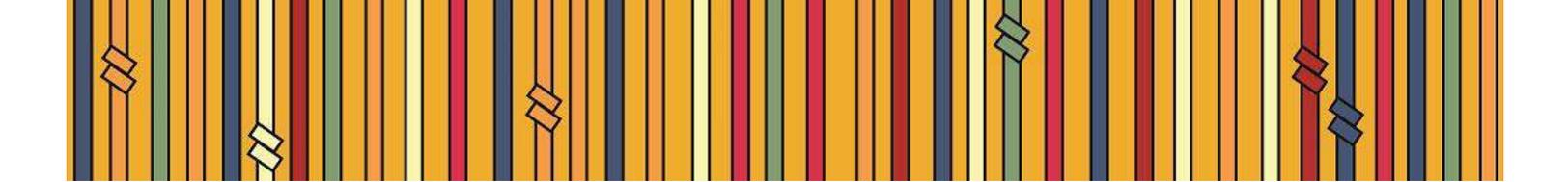
O cenário retratado em San Junipero é o que Tirosh-Samuelson chama de “aspecto mais radical do transumanismo”, em que “humanos serão capazes de transportar o conteúdo de seus cérebros, suas mentes para uma entidade não-biológica e, desse modo, alcançar a imortalidade<sup>7</sup>” (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p. 42, tradução nossa). É essa a lógica por trás do Sistema San Junipero.

Os viventes são compostos de cérebros humanos integrados a uma rede. Assim, a consciência é armazenada em aparatos similares a Discos Rígidos de computador e continua viva e atuante – a ponto de sentir dor, experimentar diversas sensações, como se de fato o corpo físico estivesse presente - após a morte, entendida aqui como o abandono do corpo físico, numa tentativa de imortalidade, ou seja, uma vida eterna computadorizada após a vida “real”.

---

<sup>6</sup> “The focus is shifted accordingly from unitary to nomadic subjectivity, thus running against the grain of high humanism and its contemporary variations.” (BRAIDOTTI, 2013, p. 49).

<sup>7</sup> “Humans will be able to transport the content of their brains, their minds, to a nonbiological entity and thereby achieve immortality” (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p. 42).



O procedimento descrito por Tirosh-Samuelson acontece da mesma forma no episódio: “o corpo, o *hardware* do computador humano, morrerá, mas o *software* de nossas vidas, nosso arquivo mental pessoal continuará a viver na rede<sup>8</sup>” (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p. 42-43, tradução nossa), em um futuro pós-humano. Os avatares holográficos “sem corpos”, como Tirosh-Samuelson indica, poderão se comunicar e interagir, exatamente como se dá o relacionamento das protagonistas de San Junipero. Os indivíduos, os corpos, as mentes, o tempo e o espaço são flexíveis.

Na ficção, as máquinas de fliperama são permanentes na boate *Tucker's*, mas os jogos variam de acordo com a década em que o visitante/jogador escolhe, assim como as músicas tocadas, as roupas, etc. O ato de colocar moedas para iniciar um novo jogo e ganhar novas vidas, assim como Yorkie faz em determinado momento, funciona como uma alegoria para esse tempo pós-humano flexível e “esticado” no episódio. Na realidade de San Junipero, a vida é (tratada) como um videogame.

Segundo Maria Conceição Monteiro, “a nossa certeza sobre o mundo material tornou-se frágil e os próprios conceitos de vida e inteligência estão sendo redefinidos. A tecnologia cria a ilusão de que há um mundo para além da carne” (MONTEIRO, 2016, p. 29). É precisamente no “mundo além da carne” que se passa todo o conflito dos indivíduos em San Junipero. As questões suscitadas pela presença na narrativa do “corpo transformado pela técnica” (MONTEIRO, 2016, p. 14) serão examinadas a seguir.

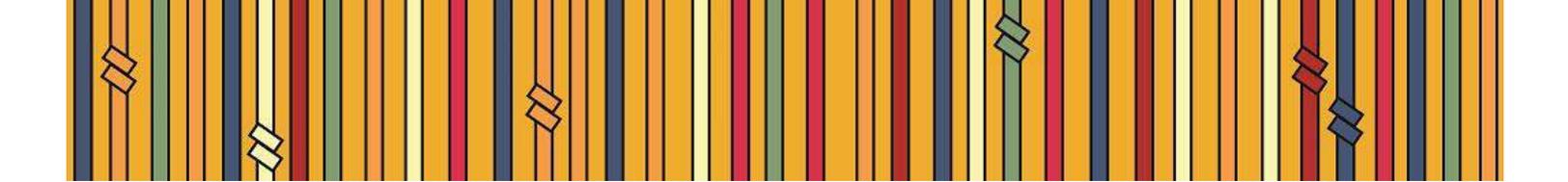
Os corpos virtuais dos jogadores/pacientes em San Junipero são moldáveis de acordo com o desejo do participante. É possível adotar uma aparência mais jovem e trocar o figurino instantaneamente. A presença da tecnologia e das protagonistas mulheres não parece ser ao acaso. As tecnologias de comunicação e as biotecnologias, segundo Haraway, “corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres do mundo todo” (HARAWAY, 2013, p. 64).

Além disso, são retratados corpos, na dimensão real, que podem ser vistos como pós-humanos. Como indicam Halberstam e Livingston (1995, p. 3 apud SANTAELLA, 2007, p. 132),

corpos pós-humanos são causas e efeitos de relações pós-modernas de poder de prazer, virtualidade e realidade, sexo e suas consequências.

---

<sup>8</sup>“The body, the hardware of the human computer, will die; but the software of our lives, our personal “mind file” will continue to live on the Web” (TIROSH-SAMUELSON, 2011, p. 42-43).



O corpo pós-humano é uma tecnologia, uma tela, uma imagem projetada; é um corpo sob o signo da Aids, um corpo contaminado, um corpo morto, um corpo-tecno; ele é, como veremos, um corpo gay.

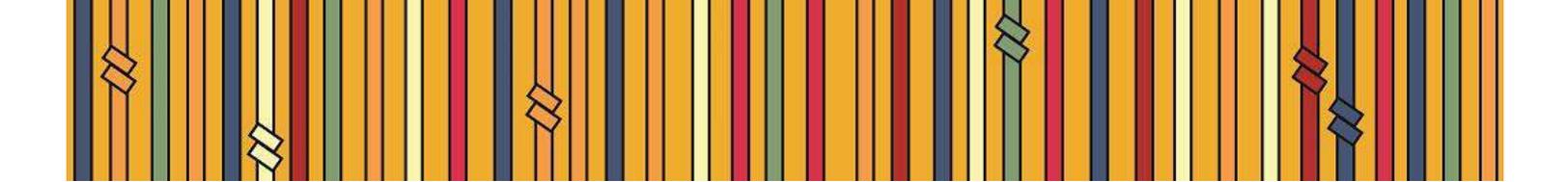
Em um contexto de tanta flexibilidade do tempo, do espaço, transitoriedade, fluidez identitária, a imobilidade pode ser encontrada nos corpos físicos que visitam San Junipero. Eles estão repousando na cama de hospital, no caso de Yorkie, ou numa cadeira em um asilo futurista, como Kelly. Tais corpos das protagonistas são marcados pelo tempo em que vivem, pelo desenvolvimento tecnológico que os cercam, pela presença dos fármacos, das indústrias, das fobias...

Nesse contexto, observa-se que as técnicas “desde os sistemas *high-tech* de comunicação pela internet às técnicas gastronômicas, passando por uma técnica *low-tech* como, por exemplo, a do transar” (PRECIADO, 2014, p. 167-168, grifo do autor) são um sistema político. Preciado elucida que tais técnicas asseguram a reprodução de estruturas socioeconômicas. Dessa forma, podemos perceber o gênero e o sexo também como tecnologias.

O relacionamento entre Kelly e Yorkie faz emergir possíveis identidades lésbica e bissexual, que rompem com a ideia da heterossexualidade e desafiam, vale frisar, a *tecnologia* social heteronormativa, definida como um “conjunto de instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpos-mulher” (PRECIADO, 2014, p. 28). De acordo, ainda, com Preciado, “a identidade homossexual é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, e estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural” (PRECIADO, 2014, p. 30).

A marginalização está presente na obra: Yorkie não se sente confortável na pista de dança junto a Kelly. Ela se sente intimidada, tem medo do que podem sofrer duas mulheres dançando juntas. Kelly explica que as pessoas não estão julgando. No entanto, podemos perceber o receio de Yorkie, que se acha uma “anormal”, por (desejar) se relacionar afetiva e sexualmente com outras mulheres. A naturalização de certas identificações impõe essa noção à personagem.

Esse medo pode ser explicado pelo passado da personagem, que, aos 21 anos, sofreu um acidente de carro, após assumir sua identidade lésbica perante à família, que a rejeita. Há uma reflexão constante em San Junipero sobre a dicotomia natural/fabricado. Primeiro, quando tratamos dos corpos híbridos de mulheres e computadores e, em



segundo lugar, quando está presente na narrativa uma espécie de “naturalidade” e “normalidade” excludente em relação às mulheres lésbicas, como Yorkie, e bissexuais, como Kelly.

É interessante observar que, mesmo na realidade virtual, há segregação. Além da *Tucker's*, existe outra boate na cidade, a *Quagmire*, onde são encontradas pessoas em jaulas, práticas artísticas de modificação corporal, uma mulher com uma cobra nos braços, correntes balançando, referências a práticas sadomasoquistas, etc. As “aberrações” ficam concentradas nesse local, já que a *Tucker's* funciona como uma boate das pessoas tidas como esteticamente normais. Os abjetos, os estranhos figuram na *Quagmire*. As protagonistas transitam entre esses dois locais, apesar de frequentarem mais a *Tucker's*.

De acordo com Preciado, determinados grupos, por exemplo, mulheres, não brancos, *queers*, doentes, incapacitados – traçando uma rápida descrição das personagens – são estigmatizados politicamente. Ainda segundo o filósofo, os discursos das ciências continuam carregados de binarismos e os grupos marginalizados são “sistematicamente impedidos de acessar as tecnologias textuais, discursivas, corporais etc. que os produzem e os objetivam” (PRECIADO, 2014, p. 168).

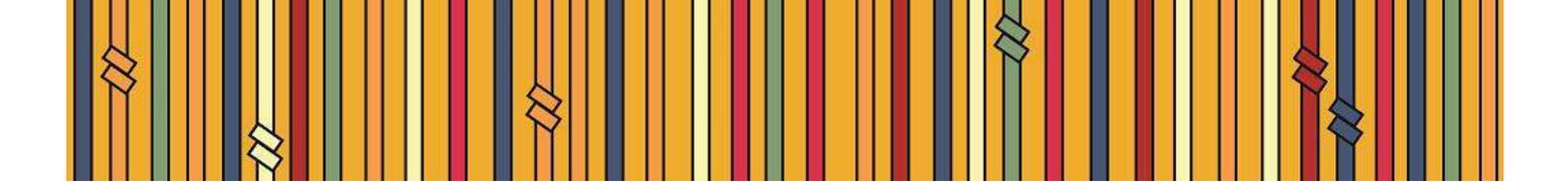
O espaço virtual como espaço dos que são empurrados para margem promove debates. Assim que Yorkie é conectada permanentemente ao sistema, ela está na praia esmiuçando os grãos de areia com as mãos, enfiando os pés na areia, sentindo os raios solares em seu rosto. A realidade de San Junipero parece ser bastante real para ela. A personagem comenta em outra cena: “a aparência é tão real”<sup>9</sup>. A virtualidade é o local dos grupos descritos por Preciado anteriormente?

Kagan (2012) questiona se há uma existência que deseja “ficar presa” no “para sempre”, no quanto durar a eternidade e o episódio San Junipero nos serve como uma resposta: talvez aqueles que não puderam viver na dimensão que entendemos como real. Kelly foi casada com um homem na “vida real”. Eles tiveram uma filha que morreu jovem. Quando o marido estava próximo da morte, não quis conhecer o sistema San Junipero, pois, segundo Kelly, a existência sem a filha não valeria a pena.

O conflito da personagem Kelly é bastante simbólico: a dúvida entre permanecer em San Junipero com Yorkie e viver o que nenhuma das duas tinha podido viver, ou “se

---

<sup>9</sup>“It feels so real”.



juntar” à família – marido e filha – morta. Ela opta pela primeira. No entanto, vale ressaltar que seu corpo é enterrado junto aos entes falecidos anteriormente, em uma espécie de jazigo familiar. A morte para Kelly significa uma libertação da lógica patriarcal, o início de uma segunda possibilidade de vida em uma dimensão outra. A ideia da morte é materializada como tecnologia que age sobre o corpo e a mente da personagem para deixá-la viver.

Em um ano de tantas mortes *queer* no audiovisual norte americano (também exibido no Brasil), se faz necessário pensar além do “final feliz” de Kelly e Yorkie. É uma resolução afirmativa de fato? Ou talvez as vidas lésbicas e bissexuais tenham sido somente relegadas à uma outra dimensão, à uma outra margem?

San Junipero propõe reflexões pertinentes e “nos encoraja a pensar criticamente e criativamente sobre quem e o que estamos em via de nos tornarmos<sup>10</sup>” (BRAIDOTTI, 2013, p. 12, tradução nossa), como escreve Braidotti em relação ao pós-humanismo. A “realidade outra”, a virtualidade é necessária, pois o mundo real não foi suficiente para Kelly e Yorkie, cada uma com uma história. Assim, na arte se faz possível a imortalidade de corpos transumanos, ainda especulados e muito discutidos entre os teóricos do transumanismo. A técnica da ficção entra em cena como elemento crucial que molda tanto os corpos como o espaço e o tempo e serve para “matar e manter vivas” as vidas “fora da norma” – idosas, doentes, racializadas, inválidas, *queer*...

Portanto, a reflexão teórica e científica, na obra audiovisual se torna

uma possibilidade afirmativa que responde ao sonho da transposição do limite, somente passível de ser alcançado através da imaginação técnica, onde o processo de criação está ligado à necessidade de saber sobre a origem de nós mesmos. (MONTEIRO, 2016, p. 30)

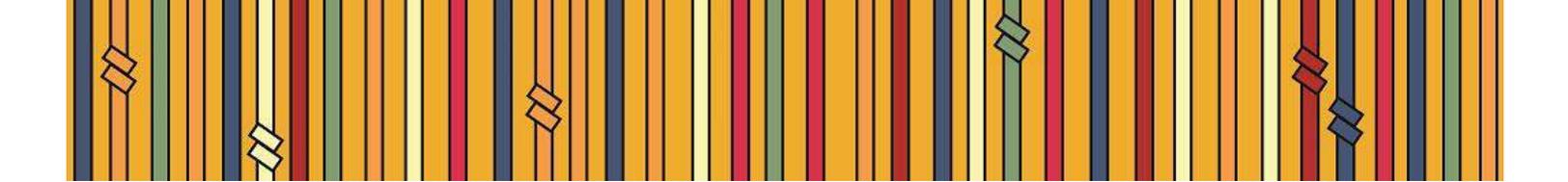
Afinal, como canta Carlisle, nesse mundo nós só estamos começando a entender o milagre de viver.

## Referências

BLACK MIRROR. *San Junipero*. Roteiro: Charlie Brooker. Elenco: Gugu Mbatha-Raw, Mackenzie Davis. Produção: Rocky Bester, Laurie Borg, Charlie Brooker, Ian

---

<sup>10</sup>“The posthuman condition urges us to think critically and creatively about who and what we are actually in the process of becoming” (BRAIDOTTI, 2013, p.12).



Hogan, Annabel Jones. Direção: Owen Harris. Reino Unido: House Of Tomorrow, 2016. Netflix. 61 min. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/70264888>> Acesso em: 6 jul. 2017.

BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Cambridge: Polity, 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.) *Antropologia do Ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.33-118.

KAGAN, Shelly. *Death*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2012.

MONTEIRO, Maria Conceição. *O corpo mecânico feminino: uma poética do transumano*. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTAELLA, Lucia. *Pós-humano – por quê?* Revista USP, São Paulo, n.74, junho/agosto 2007. p.126-137. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13607/15425>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

TIROSH-SAMUELSON, Hava. Engaging Transhumanism. In: HANSELL, Gregory R.; GRASSIE, William (org.). *H ± Transhumanism and Its Critics*. Philadelphia: Metanexus Institute, 2011 p.19-51